PADRE CALMEL: EDUCAÇÃO SEXUAL, FÉTIDA EXPRESSÃO

Publicado em segunda-feira, 3 de dezembro de 2018 por Gustavo Maldocena

CONTRA O CERCO INIMIGO

A ARMADURA DE DEUS

A CHAMADA “EDUCAÇÃO SEXUAL” É UMA FRAUDE

Passim enim bene multi et stulte et periculose eam tenent provehuntque educandi rationem, quæ sexualis putide dicitur, escreveu Pio XI na sua encíclica *Divini illius magistri.*

É generalizado o erro daqueles que, com pretensões perigosas e expressões hediondas, promovem a chamada educação sexual.

Educação sexual, fétida expressão.

Para que ela se tenha generalizado, é necessário que os costumes gerais tenham se tornado em costumes de primatas.

Expressão nauseante, mas ainda mais falsa do que infecciosa.

Quando você pensa nisso, é tão falso falar sobre educação sexual como seria dizer sobre o sistema respiratório orgulhoso.

O uso dos órgãos respiratórios não é afetado pela moralidade; Esses órgãos, por outro lado, não estão sujeitos a uma rebelião moralmente desordenada dos sentidos.

Nestes dois pontos há uma diferença fundamental com os órgãos de propagação da vida humana. É por isso que, desde o primeiro pecado, os homens não andam nus.

Pessoas que mantêm o bom senso, que não desconsideram a evidência da razão natural sólida, deveriam eliminar de sua linguagem esta expressão falsa, bastarda e fedorenta: educação sexual.

Diremos uma de três coisas:

1º.- Seja um estudo científico do aparelho genito-urinário; Mas, a menos que você seja um completo idiota, quem iria querer impor os estudos especializados da faculdade de medicina a um jovem adolescente?

2º.- Digamos educação de pureza; mas, a menos que seja muito cruel, admitir-se-á que requer a maior reserva. Em breve mostraremos o porquê; Mais precisamente, tentaremos tornar visível esta evidência primordial; porque as primeiras verdades não são demonstradas; Elas são apreendidas pela intuição espontânea. Na melhor das hipóteses, essa intuição pode ser encorajada.

3º - Digamos iniciação à luxúria e a todos os vícios vergonhosos; Mas, a menos que você seja um canalha abominável, concordamos que esse não é o papel dos professores e mestres.

Seja estudo médico, ou educação em e para a pureza, ou iniciação na luxúria e perversão de crianças: três realidades distintas e definidas, impossíveis de confundir; cada um com suas próprias leis e requisitos na apresentação.

De qualquer forma, neste vocabulário, que é clássico, não confundamos as cartas; Não disfarcemos o aprendizado da fornicação sob o nome de estudo médico.

O que é intolerável na expressão “educação sexual” e na ignomínia que está por trás deste título é a falsificação da linguagem e a hipocrisia da conduta.

Em público, pode-se ensinar sobre a essência e a dignidade natural do matrimônio, e sobre a elevação sobrenatural que Jesus Cristo lhe conferiu.

Mesmo este ensinamento deve ser dado em público, de acordo com as circunstâncias e as pessoas.

Em público é aconselhável pregar sobre a dignidade do matrimônio.

Mas é algo completamente diferente dar informações sobre a intimidade do leito conjugal.

A explicação da essência e da dignidade do casamento é uma coisa, e isso faz parte da exposição pública.

A descrição das manifestações íntimas de amor entre os cônjuges é outra questão; e essa descrição não é feita diante de uma audiência. Porque essas manifestações íntimas se referem aos esposos que se escolheram na presença do Senhor; Elas dizem respeito somente a eles e ao Senhor; não deve ser comentado.

Essas manifestações pertencem, em seu aspecto mais reservado, ao amor de pessoa para pessoa. O segredo é, portanto, seu domínio; Revelá-los ao público é desnaturalizá-los.

***

O que deve ser dito em público não se enquadra no âmbito da descrição, mas na esfera da lei moral.

Em público é necessário, e suficiente, dizer que a lei do Criador governa evidentemente essas manifestações íntimas de amor, para que sejam honestas, conformes ao seu fim, não sejam viciadas e não se oponham de modo algum à possibilidade de geração inscrita no ato conjugal.

Se a fertilidade é concedida ou não pelo Criador, se há fecundidade ou não, isso não está no poder daqueles que se unem. Mas o que está em seu poder e seu dever é não fazer nada contra a possibilidade de fertilidade que está na própria natureza deste ato.

Proclamar essa doutrina é infinitamente diferente de dar uma descrição ao público.

Se a intimidade do leito conjugal não precisa ser mostrada em público, não é porque, em si, seja desonesta ou abominável. Se, por mais honesto que seja em si mesmo, fosse imediatamente tornado desonesto e abominável pela descrição e exibição, trairia a natureza de sua lei profunda, que exige modéstia e segredo.

Porque a natureza do amor é tal que as manifestações mais íntimas do dom entre o homem e a mulher são necessáriamente privadas.

Isso não se demonstra. Os primeiros princípios da razão também não são demonstrados.

Todo homem normal, toda mulher que não seja radicalmente pervertida, entende isso. Qualquer um que não entendesse isso seria um monstro.

Tudo o que se pode explicar é que a modéstia, o recato e a reserva têm aqui o seu lugar por duas razões, diferentes mas inseparáveis.

Primeiro, por uma razão nobre que se relaciona com o amor de uma forma muito geral; então, por uma triste razão, relacionada à nossa condição de pecadores.

Já que o amor entre um homem e uma mulher, sendo um presente de pessoa para pessoa, e portanto o completo oposto de um presente público, não precisa ser dado ao público em suas manifestações íntimas.

Por outro lado, desde o primeiro pecado, o amor entre o homem e a mulher está sujeito à desordem, à concupiscência e à rebelião da carne contra o espírito; Não seria natural que o amor em suas manifestações íntimas fosse exposto aos olhos do mundo, como se o mundo fosse angelical e não tivesse desejos perturbados. Tal exposição seria uma provocação vil.

Portanto, por ambas as razões, o amor exige modéstia e segredo quando se trata da intimidade do leito conjugal. Essa intimidade não precisa ser transmitida ao público, nem diretamente — peço desculpas por apontar isso — nem por meio de descrições e representações imaginativas.

A chamada “educação sexual” ignora as leis elementares do amor: modéstia e segredo.

Ao transmitir publicamente a intimidade do amor, a nauseante “educação sexual” distorce e desnaturaliza essa intimidade.

É uma farsa.

***

Mas eles objetam: a criança precisa saber o que se relaciona com a propagação da vida humana.

É claro que você tem direito à verdade sobre esse assunto; Mas isso significa que você tem o direito de ouvir a verdade de uma forma que respeite e honre o objeto sagrado de suas perguntas.

Além disso, nestas questões profundamente humanas, a criança também tem o direito de saber que o casamento não é a totalidade do homem; O Senhor pode pedir ao homem e à mulher que renunciem à união matrimonial e à geração de filhos, para se entregarem ao seu Senhor com um impulso mais direto e uma determinação mais radical.

Em todo caso, a verdade a que a criança tem direito quanto à propagação da vida humana e do amor é uma verdade cuja apresentação exige necessariamente modéstia e decência.

Portanto, é contra a natureza, contra a natureza desta verdade, expô-la em público, descrevê-la diante de uma classe inteira. Tanto quanto mostrar filmes pornográficos na frente da turma.

Às perguntas da criança, às suas dificuldades ou desesperos em relação ao dom da vida humana, com as atrações, os desejos e as tentações a ela relacionados, não podemos dar uma resposta verdadeira se não levarmos em conta qual é o segredo e o mistério de cada criança.

É isso que a natureza das perguntas de cada um exige, juntamente com sua própria admiração, dificuldades ou desespero.

Isso significa que não é responsabilidade do professor falar para toda a turma.

Essa é a questão das famílias, de todas as famílias; É o seu direito mais sagrado.

Qualquer professor honesto e sensato entende essa linguagem.

Para aqueles que não entendem isso ou que querem usurpar a autoridade parental, é preciso forçá-los, por meio de argumentos fortes, a permanecer em seu papel, que é de domínio público.

Isso é muito nobre, e se eles honrassem isso um pouco mais, odiariam, como um crime particularmente hediondo, abrir as cortinas dos quartos diante dos olhos de seus alunos, em vez de ensiná-los a ler livros de bons escritores, escrever corretamente e conhecer a história verdadeira, e não falsa, de seu país natal.

A criança, ou melhor, uma criança assim, numa idade que não é a mesma para ela e para o seu companheiro, levanta certas questões particulares sobre o mistério do dom da vida que não são intercambiáveis com as deste ou daquele companheiro.

Ele espera, sem sequer formulá-la, uma resposta que não lhe fira no coração o respeito que tem pelo pai e pela mãe; ou uma resposta que não o rebaixe aos seus próprios olhos na luta que ele deve empreender para permanecer puro.

Como responder adequadamente a perguntas essencialmente individualizadas?

Qualquer resposta dada em público que tente atingir cada criança em seu mistério individual trai a pergunta da criança.

O que a criança estava pedindo não fazia parte de uma apresentação pública, como a solução de um problema de geometria ou uma lição sobre a medula espinhal.

O que a criança, cada criança pessoalmente, precisa saber sobre esse assunto não é da competência do professor.

***

Devemos acabar com a farsa da chamada educação sexual o mais rápido possível.

Que os pais não entreguem seus direitos sagrados aos professores.

Os professores devem se recusar categoricamente a transformar salas de aula em anfiteatros de faculdades de medicina, saguões de hotéis suspeitos ou cinemas pornográficos.

Que todos os católicos que ainda ensinam a Ave Maria aos seus filhos redobrem suas orações e tomem medidas para impedir a iniciação pública à luxúria que figuras infames buscam impor autoritária e oficialmente a todas as crianças.

COMPARTILHE NOSSA POSTAGEM